

## NOSSOS CLÁSSICOS | APRESENTAÇÃO

### CULTIVANDO O PENSAMENTO CRÍTICO NA GEOGRAFIA

**José W. Morais Antunes de Sousa<sup>1</sup>**

*École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS)*  
Paris, França

Enviado em 18 dez. 2023 | Aceito em 20 dez. 2023

A presente tradução me faz recordar os anos idos de mestrado na Universidade de Catania (Sicília, Itália), em 2014, particularmente as aulas de Maurice Aymard que me apresentou pela primeira vez os trabalhos de Lucio Gambi e sua contribuição aos estudos históricos naquele país. Em Catania e Palermo, eu descobri as bibliotecas regionais que alargaram o campo de minha pesquisa, mas a língua italiana me era ainda uma miragem. Nas livrarias Feltrinelli, via aqueles volumes bilíngues dos antigos poetas gregos e latinos, que pareciam me convidar à sua leitura, e as paisagens também agiram sobre mim, atirando-me à língua italiana. Mas o convite definitivo foi dado pelo convívio com sicilianos e estrangeiros itálofonos. No ano seguinte, voltei a Paris, onde já realizava meus estudos, decidido a tomar cursos daquela língua, o que de fato aconteceu. Vendo a necessidade de trabalhar nos arquivos da Sociedade Geográfica Italiana, minha professora Marie-Vic Ozouf-Marignier incentivou-me bastante a ir estudar na *École Française de Rome* – EFR (Itália), em 2017 e 2018. A versão embrionária da tradução nasceu então durante esse período sanduíche, depois viriam uma segunda e uma terceira versão, que hoje as vejo como estudos, pois o italiano de Lucio Gambi era muito literário. Desse modo, coloquei a tradução na gaveta e aguardei por uma pessoa que fizesse a revisão e tomasse liberdades linguísticas que eu próprio não tinha coragem e não sabia como fazer.

Em paralelo a isso, traduções francesas, em parceria com o geógrafo Rogério Haesbaert, passaram a abrir novas possibilidades de trabalho. Sem perder a gentileza, Haesbaert sempre revisou e criticou minhas traduções, assim eu sabia que um dia o *Schizzo di storia della Geografia in Italia* (GAMBI, 1973) passaria também por suas mãos. Tentamos uma vez, não aconteceu por interferência de outras ocupações. Na segunda tentativa, e aplicando outros métodos, Haesbaert conseguiu digerir mais o italiano literário de Gambi e, depois de correções e flexibilidades no rearranjo dos períodos e

---

1 Doutor em Geografia pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales* – EHESS (Paris, França), com doutorado sanduíche na *École Française de Rome* (Itália). Atualmente, é responsável pelo Núcleo de Pesquisas e Publicações da Secretaria Municipal de Educação de Ilhéus (Bahia). Autor de livros de poesia: “Hermes” (2021) e “A folha e o pavão” (2023), ambos pela Editora Primata (São Paulo). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4429-0113>. E-mail: [wmorais@ehess.fr](mailto:wmorais@ehess.fr).

das orações, dar à tradução os traços do português universitário contemporâneo. Sem sua atenção e paciência, tenha certeza, leitor, que esta tradução não teria sido editada. Devemos todos nós a ele esse presente que é o texto de Gambi.

No que concerne à introdução, guardando todas as ressalvas do texto ingênuo e elogioso, mantive o texto escrito em 2017, pois naquele momento eu estava interessado em questões históricas. Assim, é um texto datado no qual eu tentava mostrar um olhar crítico sobre a circulação de autores conhecidos no meio universitário. Outro aspecto que me chamava a atenção era o esforço de Gambi em interpretar o trabalho de seus colegas com o fim da época fascista na Itália. Em 2016, depois da ascensão de grupos radicais à política brasileira, o texto de Gambi passaria a servir como uma experiência similar de passagem por regimes autoritários, era o que eu pensava.

Hoje, certamente, eu chamaria a atenção para outros aspectos, como: 1) o uso ideológico das “Geografias universais” no período entreguerras, que até hoje não foi objeto de estudos críticos – com o passar dos anos, os organizadores desses volumes transformaram-se em autores canônicos e são hoje considerados clássicos, como Emmanuel de Martonne; 2) a presença marcante de Vallaux e Jean Brunhes nas inúmeras revistas italianas durante todo o período entreguerras, quando seus livros foram bastante utilizados para compreender as novas fronteiras da Europa do Leste oriundas do Tratado de Versalhes (SOUSA, 2022, p. 264), o que parece ter escapado ao levantamento de Gambi; 3) a primeira edição do livro *Il paesaggio terrestre* de Biasutti (1947) abriu com a definição de “*tour d’horizon*” de Vallaux, enquanto que, na segunda edição, esta em colaboração de Giuseppe Barbieri, o nome de Vallaux desaparece, embora sua definição tenha permanecido (SOUSA, 2022, pp. 272-273). Esse lapso de memória ou esquecimento voluntário complicou certamente a posteridade do trabalho daquele geógrafo francês na Itália, à época em que sua obra estava sendo traduzida para o espanhol e o russo; 4) o aspecto que merece uma atenção especial é a preocupação de Gambi em relação à função da Geografia na cultura nacional, em que, por mais de uma vez, e chegando a ser insistente, ele toca na questão de que os geógrafos italianos não conseguiram inserir a Geografia nos “quadros da cultura” (GAMBI, 1973, p. 17).

Essa explicação prolixa, que antecede a introdução definitiva, pode valer a pena porque estamos persuadidos de que oferecemos um grande texto aos leitores da *GEOgraphia*. O leitor vai perceber que na introdução me falta desenvoltura, mas vai seguramente também entender que este é um texto fora de minha zona de conforto. Assim, passem por aqui e sigam logo ao texto do autor.

## 2

Gambi nasceu em Ravenna no dia 10 de março de 1920, no seio de uma família que lhe proporcionou uma educação erudita. Em Roma, foi aluno de Roberto Almagià, conseguindo, logo cedo, uma cadeira universitária. De 1953 a 1960, trabalhou em Messina e, em 1976, foi recrutado para trabalhar na Universidade de Bolonha, ocupando a cadeira de Geografia Política e Econômica, onde permaneceria durante anos e até tornar-se conhecido (FARINELLI, 2013). Ainda jovem, participou ativamente do movimento *Resistenza* e, na Romagna, criou uma rádio popular para que a população pudesse acompanhar os processos contra os fascistas. Nos anos quarenta, desenvolveu pesquisas exercitando a observação e a descrição da paisagem, enquanto que nos anos cinquenta ele se voltaria aos estudos de desenvolvimento regional e urbano da Sicília e Calabria (ISENBURG *apud* FARINELLI, 2013).

Durante os anos cinquenta, Gambi tentou desconstruir a relação entre planejamento e estrutura social (GAMBI, 1954), momento em que ele mesmo via que suas leituras de Braudel não casavam com outras abordagens que surgiam, passando então a dialogar com o que estava sendo discutido pelos geógrafos Pierre George, Jacques Baudeville, Etienne Juillard e Jean Labasse (TANTER-TOUBON, 2003). A crença de que um grande centro seria capaz de impulsionar o desenvolvimento regional, muito em voga em sua época, era uma estratégia de planejamento que vinha de gerações anteriores. Anos depois, na Itália, Gambi encorajaria os geógrafos a discutirem a descentralização e a regionalização sob os termos de “armadura [ou estrutura] urbana”, “sistema urbano” e “sub-regiões” (GAMBI, 1969).

Gambi viria a se tornar conhecido entre os historiadores por sua participação na *Storia dell'Italia* em dez volumes, sob a direção de Ruggiero Romano e Corrado Vivanti. É de sua autoria a abertura *I caratteri originali* (1972) e o último volume *Atlante* (1976), onde empregou termos como “fenômenos de gravitação”, “hierarquia de centros”, “regiões funcionais”, “polos urbanos” etc. Em 1999, retomou a ideia de microunidades culturais, procurando romper com a teoria de que a região seria fundada com base nas homogeneidades físicas (GAMBI, 1999). Segundo ele, eram as tradições políticas que deveriam prevalecer, procurando, portanto, identificar espaços de autonomia da administração. Ele chama essa célula de “espaços de memória” (TANTER-TOUBON, 2003, p. 95).

### 3

Podemos dizer que o *Schizzo di storia della Geografia in Italia* é um texto clássico porque em seu entorno gravitam textos, livros e reflexões, como *Geografia italiana tra '800 e '900* de Ilaria Carati (1982) que o tem como um referencial. O *Schizzo* chama a atenção por vários motivos, entre os quais: o nível de franqueza do autor ao citar nomes e demonstrar como os geógrafos de gerações anteriores a sua foram levados a aderir ao fascismo. Sua habilidade em manusear documentos e arquivos, algo não muito comum entre os geógrafos, também é outro aspecto forte de sua argumentação. Em terceiro lugar pode-se destacar a ausência total de referência ao *Essai sur l'évolution de la géographie humaine* de Paul Claval (1964), que difundiria a imagem de que a Geografia Moderna na França teria sido iniciada por Paul Vidal de la Blache e seus alunos, fundando o que se convencionou chamar de “Escola geográfica francesa”. É nesse ponto que o leitor deve ter atenção para entender porque o *Schizzo* é radicalmente diferente do autor francês. Enquanto Claval adota um grupo e uma suposta instituição como marco temporal, Gambi adota outro método, os problemas que emergem na sociedade:

A Geografia – como qualquer outra disciplina científica – antes de ser fundada sobre instituições (escolas, sociedades, periódicos, etc.) é construída sobre problemas e, mais precisamente, sobre a capacidade ou a aptidão que fornece para participar – com seus métodos e ferramentas de trabalho – à solução de determinados problemas (GAMBI, 1973, p. 4).

Em 2012, o próprio Massimo Quaimi se interessou pelo *Schizzo* e lembrou o encontro de Claval e Gambi: o primeiro convidado a dar uma palestra na Universidade de Milão, em maio de 1968; o segundo convidado para dar aulas na Universidade de Besançon, em maio de 1970 (QUAINI, 2012, p. 34). Assim, o *Schizzo* surge dessas aulas, em Besançon, e, mais uma vez, temos aqui a presença do gênio forte do autor ao discordar publicamente do método empregado pelo patrono daquela

universidade, Claval. Segundo Quaini, há uma diferença fundamental entre os métodos empregados pelos dois, fruto de posições políticas diferentes e que tem consequências diretas na formação dos estudantes: “Claval resgata a partir do contexto a evolução da ciência culminando na Geografia Humana e na dita Escola francesa de Geografia, enquanto Gambi cola a evolução da Geografia à História da cultura” (QUAINI, 2012, p. 34), ou seja, no despertar das ciências modernas, na herança do Iluminismo, na separação da Igreja do Estado, na emergência dos estudos urbanos para as grandes cidades industriais. Gambi queria entender por que ele tinha herdado aquela Geografia que lhe fora ensinada e, para propor uma outra, ele se dedicou, naquele momento de sua vida, a um esforço historiográfico que não caísse no nacionalismo: “A novidade da abordagem de Lucio Gambi estava exatamente no fato de se ter colocado no terreno da história da cultura e não de uma estreita história disciplinar, sobre o terreno de uma necessidade cultural e não disciplinar” (QUAINI, 2012, p. 34).

O fato de Gambi ter mencionado em suas aulas o livro de André Meynier (1969), publicado em 1969, não é gratuito. Este livro, que teve uma difusão discreta, procurou mostrar os conflitos políticos entre os geógrafos da *Belle Époque*, tensionando a existência de canônicos. Assim, parece muito estranho a união de Claval e Meynier que faz Vicent Berdoulay em seus textos (2013)<sup>2</sup>.

No entanto, não era a disciplina que importava realmente a Gambi, mas a cultura. E é aqui onde se encontra o limite mesmo desta introdução, por dois motivos: primeiro porque o autor entende cultura como história da cultura, isto é, os traços deixados pelo Iluminismo na Geografia. Em um segundo momento, o autor entende por cultura o conhecimento sobre o tempo presente, ou seja, a cultura como o conjunto de ideias que regem um dado tempo, aproximando-se de Ortega y Gasset quando diz ser a cultura “[...] o sistema de ideias vivas que cada tempo possui” (ORTEGA Y GASSET, 1982, p. 62).

#### 4

Esta introdução se conclui deixando a via livre ao leitor para que ele mesmo encontre a experiência de outro povo. Gambi foi generoso em construir esse relato histórico com base nos trabalhos de seus contemporâneos e não nos de autores avulsos, como seria mais fácil.

Acreditamos que a História da Geografia não deva ser vista como um apêndice, nem como uma matéria “perigosa”, para utilizar a fórmula de Quaini, apesar de que, realmente, o é, mas como um compromisso individual de um pesquisador em um dado momento de sua vida. A História da Geografia tem por objeto a própria memória – é, pois, delicada, e é fundamental saber quando ela forma ou deforma os estudantes. A tradução do *Schizzo* é uma pista para os estudantes entenderem melhor os rumos de sua ciência e poderem cultivar o pensamento crítico na sua formação.

Dezembro de 2018  
Palácio Farnésio,  
Escola Francesa de Roma

---

<sup>2</sup> Em nossa tese, não conseguimos adotar a noção de “Escola francesa de geografia” como um elemento coeso durante toda a primeira metade do século XX. Constatamos que o grupo primitivo de professores e alunos dessa suposta escola, em 1918, sofreu uma importante bifurcação criando dois grupos distintos politicamente e cientificamente (SOUSA, 2022, p. 69; p. 103).

## Referências

- BERDOULAY, V. 2003. A abordagem contextual. *Espaço e cultura*. UERJ, RJ, n. 16, jul/dez.
- CLAVAL, P. 1964. Essai sur l'évolution de la géographie humaine. *Cahiers de Géographie de Besançon*, n°12.
- CARATI, I. 1982. *Geografia italiana tra '800 e '900*. Istituto di Scienze Geografiche: Genova.
- GAMBI, L. 1954. La riconfigurazione topografica dei comuni come parte della pianificazione regionale, *Atti del XVI Congresso geografico*, 221-235.
- \_\_\_\_\_. 1969. Che genere di regione è la Romagna, *Studi Romagnoli*, XX, 81-93.
- \_\_\_\_\_. 1973. Un schizzo di storia della Geografia in Italia. Em: *Una geografia per la storia*. Torino: Einaudi.
- \_\_\_\_\_. 1999. Un elzeviro per la regione, *Memoria e Ricerca*, 4, 151-185.
- FARINELLI, F. 2013. Lucio Gambi. Em: *Il contributo italiano alla storia del Pensiero – Politica*. Treccani.
- QUAINI, M. 2012. Quando nasce la Geografia moderna? Obiettivi, metodi e protagonisti di una «Archeologia» dei saperi geografici. Em: *Per una nuova storia della Geografia italiana*. Carlo Gemignani (Org.). Genova: Melangolo.
- MEYNIER, A. 1969. *Histoire de la pensée géographique en France*. Paris: PUF.
- ORTEGA Y GASSET, J. 1982. *Misión de la Universidad*. Madrid: Alianza Editorial.
- SOUSA, J. W. A. 2022 *Le sentiment des océans au début du XXè siècle : Étude du parcours intellectuel de Camille Vallaux et de sa classification des mers*. Tese de doutorado. Paris: EHESS, pp. 368. Acesso em : 4 de novembro de 2023. Disponível em : <https://www.theses.fr/2022EHES0089>
- TANTER-TOUBON, A. 2003. Régionalisme et régionalisation dans l'oeuvre du géographe italien Lucien Gambi. *Revue d'Histoire des Sciences Humaines*. 2003/2. n.9, pp 103-140